

Comunidade de Santo Egídio está preocupada com atrasos

— revela D. Matteo Zuppi

D. Matteo Zuppi, um dos mediadores da Comunidade de Santo Egídio, na Itália, às negociações de paz para Moçambique entre o Governo e a Renamo, advertiu ontem em Maputo que o atraso na implementação do Acordo Geral de Paz pode vir a degenerar numa situação explosiva e intempestiva para o país.

O clérigo italiano, que se encontra em Maputo desde domingo último, revelou que se avistou semana passada num país europeu com o Presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, que lhe transmitiu a sua apreensão derivada da lentidão no cumprimento dos entendimentos de Roma alcançados há pouco mais ou menos quatro meses e meio, com o Governo.

Especificou que há problemas pequenos que paulatinamente vão assumindo uma dimensão macro, nomeadamente matérias logísticas, de acomodação, comunicações, transportes e outros, cuja superação deficiente poderá vir a produzir acontecimentos na arena político-militar interna.

Se bem que tenha afastado um presumível paralelismo com os principais actores do processo de paz angolano, cuja reedição deseja que não ocorra em Moçambique, D. Matteo Zuppi esclareceu que a questão da Polícia está a ganhar foros que é pertinente analisar cuidadosamente.

Dando substância ao seu argumento, o mediador italiano disse que lhe foi transmitido por Afonso Dhlakama, o chefe do Departamento de Organização e pelo Secretário-Geral da Renamo, respectivamente Raul Domingos e Vicente Ululu, que desde



D. Matteo Zuppi, da Comunidade de Santo Egídio, Itália

a assinatura do Acordo Geral de Paz — a 4 de Outubro findo — a Polícia está a ser reforçada por efectivos que não incluía até àquela data.

Por outro lado, o atraso no processo de acantonamento, desarmamento e triagem o elementos das forças governamentais e da Renamo, nos centros de reunião e acomodação, para a vida civil e a formação do Exército nacional único e apartidário, é prova concludente de que o Acordo Geral de Paz ainda não começou a produzir os resultados requeridos, quando da sua concepção, negociação e assinatura na capital italiana, de acordo com D. Matteo Zuppi.

DEVER MORAL IMPLICA-PREOCUPAÇÃO

Fez notar, que a Comunidade de Santo Egídio está preocupada visto que tem um dever moral em ver cumprido e reafirmado o espírito de Roma.

Indagado sobre informações veiculadas por diversas fontes segundo as quais o Acordo Geral de Paz foi desenhado irrealisticamente para o nosso país, o clérigo italiano clarificou que a sua concepção foi deferida pelas partes, incluindo o observador da ONU representando o Secretário-Geral da organização supranacional, Boutros Ghali.

O envolvimento das Nações Unidas teve lugar em Maio do ano passado e com base num projecto apresentado pelas partes formulou-se a calendarização do processo de pacificação e democratização de Moçambique.

Referiu que a partir daquela altura, as Nações Unidas foram legitimadas a assumirem o papel que fora conferido em Roma para que o Acordo Geral de Paz passasse da letra à execução.

— A ONU tem que desempenhar o seu papel, reafirmou D. Matteo Zuppi, tendo referido que no espaço de um mês os «capacetes azuis» já deviam ter ocupado posições no nosso país e mesmo decorridos cerca de quatro meses e meio ainda não se

completaram os efectivos previstos.

Sublinhou que o problema não se situa no presente, mas à perspectiva futura, quando os pequenos problemas de hoje tiverem assumido uma dimensão maior e difícil de gerir, por ser ingovernável.

Localizou o papel da Comunidade de Santo Egídio, em coordenação com outros actores activos do processo de pacificação e democratização de Moçambique, na busca de sinais que permitam reduzir a intensidade de deflagração de problemas maiores, que possam vir a perigar o Acordo Geral de Paz.

Apesar de reconhecer que algo já foi atingido, D. Matteo Zuppi afirmou que a ONU tem que acorrer a muitos conflitos — segundo o Dr. Aldo Ajello, Representante Especial do Secretário-Geral são 35 focos de tensão em todo o mundo — e ainda enferma de uma burocracia pesada.

Contudo, o mediador italiano não deixou de congratular as partes por terem contribuído para a chegada de alguns observadores militares não armados a Moçambique e o funcionamento embora diminuto das comissões que já estão formadas e preenchidas pelos representantes do Governo, da Renamo, das Nações Unidas, OUA e países observadores às negociações de Roma.

Ainda na corrente dos principais constrangimentos que entravam a aceleração do Acordo Geral de Paz, D. Matteo Zuppi disse que há problemas sérios com a distribuição da ajuda alimentar doada pela comunidade internacional às populações vítimas da fome.

Desejou que fossem superados os nós de estrangulamento e que os donativos fossem canalizados e consumidos pelas populações destinatárias.

— Há problemas de substância. Vamos alertar as partes para a prevenção da sua erupção, frisou o clérigo italiano, que dentro de dias regressará ao seu país.

Durante a sua estada em Moçambique, D. Matteo Zuppi tem agendados encontros com o Presidente da República e com chefe da delegação governamental na Comissão de Supervisão e Controlo, Armando Guebuza.